

A relação entre Francisco e o mundo atual. Implicações para a Igreja latino-americana¹

Elias Wolff²

Resumo: O Papa Francisco possui um real e intenso envolvimento com as questões socioculturais que estão na ordem do dia na história da humanidade, contribuindo para a superação dos problemas constatados no mundo global. Deixa claro que o mundo é o lugar onde a Igreja deve estar e agir, pois é ali que percebemos os sinais da presença de Deus e da sua vontade salvífica. O objetivo deste estudo é verificar como Francisco contribui para que a Igreja na América Latina revigore sua postura de inserção, práxis e profecia.

Palavras-chave: Papa Francisco. Teologia. Mundo. Sociedade. América Latina.

Abstract: Pope Francis has a real and intense involvement with the sociocultural issues that are on the agenda in human history, contributing to overcoming the problems found in the global world. He makes it clear that the world is the place where the church must be and act, because it is there that we perceive the signs of God's presence and his salvific will. The objective of this study is to verify how Francis contributes for the Church in Latin America to reinvigorate its posture of insertion, praxis and prophecy.

Keywords: Pope Francis. Theology. World. Society. Latin America.

INTRODUÇÃO

A proposta do Papa Francisco para uma “Igreja em saída” a leva a situar-se no mundo para nele partilhar a “alegria do Evangelho”. Francisco entende que para isso a Igreja precisa encarnar-se na história da humanidade, assumir a práxis, que vincula teoria e ação, como o modo de ser, pensar e agir; assumir a opção pelas pessoas em situação de vulnerabilidade, dialogar e estabelecer parcerias. Desse modo, Francisco contribui para revigorar elementos presentes na teologia e na ação pastoral da Igreja na América Latina. Uma recepção do magistério do Papa Francisco na Igreja latino-americana leva a um revigoramento desses elementos, de modo que se torna também uma recepção no presente de um estilo teológico-pastoral desenvolvido entre os anos de 1970 a final de 1990, que já não se observa tão presentes na teologia e na pastoral da Igreja neste século XXI. Desse modo, o Papa ajuda a Igreja latino-americana a viver quatro fidelidades intrinsecamente vinculadas: a Deus e ao Evangelho, aos povos do continente, ao Vaticano II e à sua própria história, com ênfase no

1 Apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq Brasil, por meio da concessão de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa - Chamada nº 09/2022.

2 Mestrado e doutorado em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana; professor e pesquisador no PPG de Teologia da PUC PR; professor visitante da Pontifícia Universidade do México; líder do Grupo de Pesquisa Teologia, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da PUCPR; membro da Ecumenical Water Network (Conselho Mundial de Igrejas); bolsista de produtividade do CNPq.

período pós-conciliar. Isso leva a Igreja a sentir o mundo como seu lugar de estar e agir, como ensinou o Vaticano II: as alegrias e as tristezas, as angústias e as esperanças da humanidade, em particular de quem mais sofre, como os pobres e injustiçados (GS 1), são também da Igreja.

1 PAPA FRANCISCO: CIDADÃO DO MUNDO

O Papa Francisco é, definitivamente, homem do mundo, inserido nas realidades que configuram o mundo atual, como a economia, a política, a cultura, os meios de comunicação etc. Poucos pontífices têm conseguido interagir com essas realidades como ele o faz, tratando de questões que estão na ordem do dia no mundo global. Desse modo, o seu magistério não diz respeito apenas às realidades *ad intra ecclesia*, Francisco coloca a Igreja numa verdadeira interação com o mundo atual, como “Igreja com as portas abertas” (EG 46) com duas finalidades: para acolher, receber na Igreja as pessoas e as realidades temporais como algo que também lhes dizem respeito; e para enviar, para sair em direção às pessoas e às realidades temporais. A finalidade é colocar a Igreja a serviço, como colaboradora com o mundo. Aos jovens reunidos na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro em 2013, ele incentiva:

Peço que vocês também sejam protagonistas, superando a apatia e oferecendo uma resposta cristã às questões políticas que se colocam em diversas questões do mundo. Envolvam-se num mundo melhor. Não sejam covardes, metam-se, saiam para a vida. Jesus não ficou preso dentro de um casulo. Saiam às ruas como fez Jesus (FRANCISCO, 2013).

E nisso o Papa Francisco “primeira” quando conversa com os jornalistas sobre economia, política, cultura, ecologia, sexualidade, ciência etc. Ele mostra uma Igreja atenta aos “sinais dos tempos”, sensível às vicissitudes da humanidade e disponível a contribuir para a superação de seus problemas. É importante observar que o Papa não propõe isso como algo paralelo à missão da Igreja, mas nela integrado. Falar do Evangelho é falar também dos problemas que as pessoas e os povos enfrentam, como as guerras, o desemprego, a fome, as questões éticas como a sexualidade, as pesquisas científicas etc.

A “Igreja em saída” e inserida no mundo atual tem três referências claras: Cristo e seu Evangelho que precisa ser proposto como “luz do mundo” (Jo 8,12), base do discernimento das opções que a Igreja faz dos caminhos a serem percorridos no mundo atual; a compreensão do mundo como chão, contexto sociocultural onde o Evangelho se encarna; o Vaticano II, que ainda precisa ser efetivamente recebido. Assim, o Papa Francisco procura ser fiel ao Evangelho, ao tempo atual e ao concílio. Com essas três fidelidades, o Papa vê o mundo como algo querido e amado por Deus (Jo 3,16), onde Ele se faz presente e realiza seus desígnios. Por isso a Igreja, como colaboradora da economia salvífica, tem o mundo, como lugar da sua missão, o que requer “viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho” (EG 75). Somente uma Igreja inserida no mundo, como

“Igreja em saída” é capaz de conhecer profundamente a sua missão e realizá-la com eficácia. Francisco ensina isso pelo seu próprio posicionamento corajoso sobre as situações socioculturais, políticas, econômicas e religiosas da humanidade atual. Não expressa com isso uma visão dogmática ou moral do mundo, mas pastoral e evangelizadora, buscando recuperar o “sabor da realidade” (FT 33).

2 AFIRMAÇÃO DA ESPERANÇA EM MEIO ÀS AMBIGUIDADES E CONTRADIÇÕES DO MUNDO ATUAL

Com um olhar atento ao cotidiano da história humana atual, o Papa identifica contradições e ambiguidades do mundo em que vivemos. De um lado, há progressos que favorecem o desenvolvimento da vida dos povos. De outro lado, nem todas as pessoas e povos podem usufruir de tais progressos. Isso porque “o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspectos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida” (LS 46). Há “sombras de um mundo fechado” (FT cap. I) em diversos campos: 1) no campo da economia, projetos econômicos excluem (EG 53-54) e fortalecem a idolatria do dinheiro (EG 55-56); 2) no aspecto social, a desigualdade gera violência (EG 59-60) e dilacera vidas, explicitando “sonhos desfeitos em pedaços” (FT 10-14); nas relações entre os povos, os “direitos humanos não são suficientemente universais” (FT 22-24), e num mundo que tem instituições para viver na paz, “a história dá sinais de regressão” com “conflitos anacrônicos” e “nacionalismos fechados” (FT 11). 3) No âmbito da cultura, o mundo atual apresenta desafios como o subjetivismo, o relativismo e o pragmatismo (EG 61; LS 122-123), a supervalorização do imediato, superficial e fragmentário (EG 62), e o pelagianismo que expressa “uma vontade sem humildade” (GE 49-51). Enfatiza-se uma cultura consumista que tem o risco de “uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada” (EG 2); 4) No campo religioso, crescem os fundamentalismos e as ameaças à liberdade religiosa (EG 61); tendências gnósticas expressam “uma mente sem Deus e sem carne” (GE 37-39), intensificando a “desertificação espiritual” (EG 86) de sociedades que “querem construir sem Deus”.

Contudo, a constatação de problemas no mundo não deve levar a um “pessimismo estéril” (EG 84-86), que causa à Igreja uma “sensação de derrota” (EG 85). Não obstante as contradições e ambiguidades do mundo, ele é amado por Deus. O olhar do mundo no magistério de Francisco é um olhar da fé em Deus que sempre dá a “possibilidade de um novo início” (LS 71), como fez com Noé. É um olhar de esperança na novidade salvífica que o Espírito de Deus possibilita: “A esperança convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas” (LS 61). É com essa convicção que Francisco busca situar a Igreja no mundo como lugar da sua missão. Ela é, assim, parceira de um Deus intra-mundo.

3 REVIGORAMENTO DA RELAÇÃO DA IGREJA-SOCIEDADE NA AMÉRICA LATINA

O magistério do Papa Francisco impele a Igreja na América Latina a estreitar sua relação com a sociedade, retomando elementos teológico-pastorais que têm sido marcantes em sua história recente, dos quais dos quais destacamos:

3.1 ENCARNAÇÃO

A encarnação que expressa o humano em Jesus assumido por Deus, tem implicações para a história humana: esta torna-se lugar teológico para conhecer a Deus e sua vontade. E a encarnação torna-se paradigma para a presença da Igreja no mundo, ela é “Chamada a encarnar-se em todas as situações [...] tudo o que é humano nos diz respeito” (FT 278). O Evangelho é situado nos condicionamentos pessoais, sociais, culturais etc. do nosso tempo. Vivendo o discipulado de Jesus e tendo-o como modelo

queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhamos a vida com todos, ouvimos as suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente nas suas necessidades, alegramo-nos com os que estão alegres, choramos com os que choram e comprometemo-nos na construção de um mundo novo, lado a lado com os outros (EG 269).

A dinâmica da encarnação tem sido assumida de modo significativo por lideranças pastorais, no âmbito institucional e nas comunidades populares, em toda a América Latina sobretudo entre as décadas de 1970 a 1990. A Igreja assumia como sua as “periferias geográficas e existenciais”. O lugar da Igreja é o lugar mais humilde entre os humildes, como serviço para que o senhor ali realize “grandes coisas” (Lc 1, 51s) que concretizam o Reino. Desse modo, a Igreja contribui para que a história dos povos do continente seja introduzida no mistério de Deus amor, libertador, da “vida em abundância” (Jo 10,10). Pela encarnação a Igreja mostra que assim como a ação do Espírito no mundo perpassa todas as situações sociais, “A sua redenção tem um sentido social, porque ‘Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens’” (EG 178). Somente uma Igreja encarnada na história atual torna-se sinal dessa verdade de fé.

3.2 REVIGORAMENTO DA PRÁXIS

O Papa Francisco é homem da práxis, que vincula teologia e ação de modo convicto e com incidência na realidade. Contribui, assim, para que se revigore na Igreja latino latino-americana o primado da práxis, que tem sido afirmado como eixo hermenêutico do pensar teológico. Este nasce na práxis e conduz à práxis. “A *prática cristã*, como lugar de produção do sentido da mensagem cristã e, ao mesmo tempo, como lugar de verificação dessa mensagem” (GEFFRÉ, 1989, p. 28).

O magistério de Francisco fala em “primeirizar” nas atitudes proféticas, aproximar-se das pessoas, olhar nos olhos, tocá-las. Tudo indica atitude, ação, como expressão da práxis evangelizadora. Dessa práxis se constrói o pensar da fé, de modo que temos “*A prática cristã*, como lugar de produção do sentido da mensagem cristã e, ao mesmo tempo, como lugar de verificação dessa mensagem” (GEFFRÉ, 1989, p. 28). É o que afirma a tradição teológica latino-americana: a práxis é “o lugar do trabalho produtivo teológico” (LIBANIO, 1987, p. 164). A teologia afirma-se na práxis em dois principais horizontes: a) epistemológico, como aspecto formal do pensamento da fé, com engajamento no mundo, nas comunidades de fé e no movimento ecumênico; b) no conteúdo da fé, quando ao pronunciar conceitos como Deus, Jesus Cristo, Reino, Igreja, Justiça o faz com sentido porque discute a natureza, o valor evangélico, a qualidade cristã das opções em jogo (LIBANIO, 1987, p. 117-118). Recuperar e revigorar esse princípio é também uma exortação do magistério de Francisco para a Igreja hoje.

3.3 A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

Em seu magistério, o Papa Francisco afirma a opção preferencial pelos pobres na Igreja Universal. A fundamentação é teológica, está no reconhecimento do rosto do próprio Cristo nas pessoas pobres:

Nós, cristãos, além do mais, temos outro motivo, e maior, para amar e servir os pobres, pois neles, temos o rosto, vemos o rosto e carne de Cristo, que ‘Se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza’ (cf. 2 Cor 8,9) os pobres são a carne de Cristo (FRANCISCO 2015a).

Desse modo, Francisco estimula a Igreja na América Latina a revigorar a opção preferencial pelos pobres, central nas Conferências do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM, 1968, n. 14.8-14.18; 1979, n. 1134-1165; 2007, n. 391-398). A Igreja sente o clamor dos pobres, carentes de bens materiais e também de plena participação social e política. É chamada a identificar as situações mais graves na vida dos povos latino-americanos que interpelam a fé e o agir da Igreja, como a pobreza, o desemprego, a fome, a violência, a discriminação.

De fato, pesquisas mostram que os pobres na América Latina equivalem a 32,1% da população (201 milhões), dos quais 13,1% (82 milhões) vivem em situação de pobreza extrema (CEPAL, 2022). Com a pandemia da COVID 19, a fome e a miséria se intensificam ainda mais em todo o continente, agravando as situações já precárias das pessoas pobres, que em geral vivem nas periferias e nas ruas das grandes cidades.

Esse é um dado alarmante, que exige da Igreja latino-americana uma efetiva solidariedade evangélica integrada com o princípio da justiça. A missão tem, assim, uma dimensão sociopolítica, denunciando as causas da pobreza social, os projetos econômicos e políticos de “um mundo fechado”, pois “A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença” (FRANCISCO,

2015b). Fundamental é que a Igreja não o faça sozinha, mas com os pobres, basta de obras assistencialistas que deixam as pessoas pobres numa situação de passividade (FT 187). Pois “O diálogo não se deve limitar a privilegiar a opção preferencial pela defesa dos pobres, marginalizados e excluídos, mas há de também respeitá-los como protagonistas” (QAm 27). Assim, a prática da caridade assistencial deve ser algo provisório, enfrentando situações emergenciais. A caridade verdadeira dá à pessoa condições para garantir a própria existência, pelo trabalho digno (LS 128).

3.4 DIÁLOGO E PARCERIA

O Papa Francisco assume o ensino conciliar de diálogo com o mundo (GS 40.43), valoriza-o, reconhece a autonomia das realidades temporais e a liberdade de consciência. A Igreja não se coloca no mundo como mestra da verdade, mas parceira na sua busca, com algo a contribuir, mas também disposta a aprender da história humana, das ciências, das culturas (GS 44.57.58). E vitaliza com sua fé essas realidades, como “fermento e como alma da sociedade” (GS 40).

Desse modo, o Papa abandona uma missão espiritual que reivindica domínio e superioridade em relação ao mundo. Para ele a missão manifesta-se parceira e aprendiz, sobre as questões do mundo, “A Igreja não tem motivo para propor uma palavra definitiva e entende que deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões” (LS 61):

Não só os crentes, mas todos aqueles que são motivados pelo bem sabem como é necessário o diálogo em todas as suas formas. Dialogar não serve apenas para prevenir e resolver conflitos, mas para fazer emergir os valores e as virtudes que Deus inscreveu no coração de cada homem e evidenciou na ordem da criação. Procurar e explorar todas as oportunidades de diálogo não é apenas uma forma de viver ou coexistir, mas sim um critério educativo (FRANCISCO, 2019).

Nesse sentido, Francisco fortalece o diálogo da Igreja com as culturas, as ciências, as diferentes tradições cristãs e as religiões. É o processo sinodal, vivido concretamente (COLET, 2023). Com esse diálogo amplo, a Igreja estabelece parcerias por um mundo melhor. Há três desafios prementes com os quais a Igreja é chamada a fortalecer sua postura de diálogo no mundo:

a) *As ciências e o desenvolvimento tecnológico.* o mundo atual é regido pelo conhecimento científico. Os meios de comunicação e de transporte, a engenharia técnica de produção nas indústrias e na agricultura, as pesquisas sobre a vida e a saúde humana que possibilitam o prolongamento da existência, a inteligência digital e artificial que permite às pessoas terem mais tempo para o lazer e o estudo. Enfim, as descobertas das ciências mudam constantemente o estilo de vida das pessoas e das sociedades. A Igreja não pode deixar de acolher e estimular os progressos das ciências que expressam e possibilitam verdadeiro desenvolvimento humano.

O Papa Francisco entende que ciência e fé não se opõem, e o diálogo entre fé, razão e ciência (EG 242-243), “eleva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência humana” (EG 242). Por isso, é fundamental “o encontro entre a fé, a razão e as ciências, que visa desenvolver um novo discurso sobre a credibilidade” (EG 109) da fé cristã e da Igreja hoje, “que ajude a criar as predisposições para que o Evangelho seja escutado por todos” (EG 132). Então a Igreja sente-se no dever de acompanhar no espírito de fé as pesquisas científicas, a fé também tem algo a dizer sobre o desenvolvimento científico, e torna-se critério para cientistas crentes.

b) *O processo de secularização.* Num mundo secularizado e com ares de ateísmo, questiona-se a necessidade e a eficácia da instituição religiosa na orientação da relação com Deus. Secularização não se opõe à fé ou religião, mas nesse contexto muitas pessoas já não cultivam a crença no divino, nem dele sentem-se “imagem” (Gn 1,26). Mesmo quem tem fé pergunta: “para que serve a Igreja”? e cresce o número de quem faz uma ruptura entre cultura secular e vivência religiosa. Francisco ensina que “no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente” (EG 86). O Papa respeita os questionamentos críticos que a Igreja recebe, reconhecendo humildemente que muitos procedem. Sabe que para algumas pessoas, a secularização leva a crises e afastamento da fé e mesmo à perda da fé. Mas “Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta” (EG 71).

3) *O pluralismo eclesial e religioso.* Outro desafio ao diálogo é representado pelo pluralismo eclesial religioso. Ao longo da história, a Igreja foi se afirmando como meio indispensável para a experiência da graça divina. Mas por longo tempo se afirmou como *único meio* da graça. Essa postura é hoje questionada pelo pluralismo de Igrejas e de religiões, que não mais se tolera tal pretensão de unicidade ou exclusividade na mediação da relação com Deus. O magistério de Francisco possibilita um ensino religioso que contemple as riquezas dos diferentes credos (WOLFF; TREVISAM, 2021).

O Papa Francisco reafirma o ensino do Vaticano II sobre o ecumenismo e o diálogo das religiões. O Vaticano II valoriza a fé cristã vivida nas diferentes Igrejas (*Unitatis redintegratio*), reconhece elementos de “verdade e santidade” (NA 2) nas religiões, propõe o diálogo inter-religioso (*Nostra aetate*) e afirma o princípio da liberdade religiosa (*Dignitatis humanae*). A Igreja não exaure o mistério em suas doutrinas, e nem o transmite de forma clarividente na sua missão. E pode aprender das diferentes Igrejas e religiões, que entendem o mundo e a história humana na perspectiva de suas crenças, o que lhes confere certa sacralidade uma vez vinculados com a realidade divina.

Encarnação, práxis, opção preferencial pelos pobres e diálogo são quatro critérios que Francisco propõe para uma relação autêntica da Igreja com o mundo hoje. São elementos já não tanto presentes na Igreja da América Latina como até em tempos recentes, e o magistério de Francisco estimula ao seu revigoramento.

4 TEMAS FRONTEIRIÇOS PARA A IGREJA NO MUNDO ATUAL

Para bem situar-se no mundo, a Igreja precisa fazer um grande esforço de diálogo e, se preciso for, rever seu posicionamento sobre algumas questões que estão na ordem do dia na vida do mundo. Ela precisa dialogar sobre questões éticas como a família e a sexualidade humana, rever doutrinas relativas ao pecado original, o celibato do clero, a não ordenação de mulheres. São alguns entre os tantos temas sobre os quais os argumentos tradicionais da Igreja carecem de sentido atualmente, e também questionam sua fundamentação bíblica e teológica. Tais questões já foram apresentadas diversas vezes, mas não são suficientemente respondidas, e as retomamos como “fronteiras eclesiais no pontificado de Francisco” (WOLFF; COLLET 2019), tendo por base as provocações de Hans Kung (2013, p. 129-164).

a) *As ciências*: historicamente, a Igreja resistiu ao desenvolvimento das ciências. Colocou Copérnico no Índice de livros proibidos (1616); Giordano Bruno na fogueira (1600); obrigou Galileu Galilei à prisão domiciliar (após exigir que abjurasse seus “erros” - 1633); teve dificuldades com Charles Darwin (1809-1882). Galileu Galilei foi reabilitado por João Paulo II (1982), mas permanece a questão se a Igreja de fato assumiu ter errado na condenação que lhe fez. A Igreja teve resistência ao mundo moderno e afirmou uma apologética controversa. Ainda hoje ela não é tranquila com o progresso secular ou racional, a “razão progressiva” (KUNG, 2013, p. 141) da sociedade. Mas as ciências, a tecnologia e a indústria impulsionam o mundo atual industrializado e urbanizado, e a Igreja tem dificuldades para entender seu lugar nesse contexto. Não harmoniza com a fé os novos tempos iluminados pela razão e a ciência. Por isso é comum hoje encontrar lideranças, sobretudo párocos, vivendo em grandes centros urbanos, mas com mentalidade e linguagem do mundo rural, descontextualizado do ambiente em que se encontra. Religiosamente, essas pessoas mantêm no século XXI imagens medievais sobre Deus, céu, santidade e inferno.

b) *A sexualidade*: outro tema delicado para a Igreja é a sexualidade, sobre o qual a Igreja ainda não consegue tratar com serenidade. Agostinho, com uma hermenêutica discutível de Rm 5,12, vinculou o pecado “de Adão” ao sexo, entendendo a existência de um “pecado original” transmitido pelo ato sexual, “pela carne”. O ato sexual foi associado à concupiscência egocêntrica, e isso marcou negativamente a sexualidade, sendo o prazer sexual permitido apenas para a procriação. Tal fato é inconcebível pela sociedade atual. A Igreja sente-se constrangida quando constata uma direta negação da parte de fiéis daquilo que ela ensina sobre a sexualidade humana. Os anos 60 do século XX viveram uma verdadeira revolução nesse campo, movida pela invenção dos métodos contraceptivos e pelo movimento cultural sobretudo dos jovens. As mulheres ganharam força na reivindicação de autodeterminação na vida sexual. O Papa Paulo VI fez forte oposição a tal movimento com a encíclica *Humanae vitae*, retomando Agostinho, postura reafirmada com João Paulo II e Bento XVI, mantendo a oposição aos meios anticoncepcionais, à inseminação artificial, às pesquisas com células-tronco e a toda forma de aborto.

Naturalmente, a Igreja não precisa apoiar a corrente do liberalismo sexual tão em voga hoje. Contudo, percebe que não pode mais determinar a vida sexual da sociedade a partir

da doutrina moral. Ao mesmo tempo que tem liberdade para orientar seus fiéis, também precisa se posicionar com serenidade frente às pessoas do século XXI que se consideram adultas, livres e responsáveis sobre a própria sexualidade. Mais delicada mostra-se a questão do aborto, sobretudo quando membros da Igreja se posicionam a favor da sua descriminalização ou se integram no movimento *Católicas pelo direito de decidir*, existente no Brasil desde 1993, lutando contra padrões culturais e religiosos que inibem sua autonomia e liberdade, sobretudo no que diz respeito ao exercício da sexualidade e da reprodução.

c) *Celibato do clero*: outro tema ligado à sexualidade é o celibato do clero e a negação do sacerdócio para as mulheres. O celibato não permite ao clero latino viver a vida comum das demais pessoas com família própria, e expressa uma pretensão de “perfeição” moral superior, bem como uma santidade em nível mais elevado que a dos outros batizados. Mas é inegável que não poucos homens sentem-se vocacionados ao sacerdócio e não ao celibato, e por isso muitos abandonam a vocação ministerial para não transgredir a uma disciplina eclesiástica. A Igreja é desafiada a possibilitar opções na vida sacerdotal, com liberdade para ser celibatária ou não, ciente que o valor do sacerdócio é o que precisa ser afirmado na vida dos vocacionados, e não mais condicionar esse valor à disciplina eclesiástica do celibato.

d) *Ordenação de mulheres*: sobre a ordenação de mulheres, a Igreja Católica diz não poder introduzir tal costume porque compreende que isso não é da vontade de Cristo para a sua Igreja (PAULO VI, 1976, p. 599-600; JOÃO PAULO II, 1994)³, pois entende que Ele chamou apenas homens para o ministério ordenado. A questão é controversa, tanto bíblica quanto teologicamente. A pretensão do Papa João Paulo II de dar um pronunciamento “definitivo” sobre a questão, não condiz com o fato de que ela é retomada com frequência em diferentes espaços eclesiais e em diferentes modos. As mulheres estão assegurando seu lugar e ação na sociedade: elas estão coordenando universidades, são referências no mundo da cultura e da economia, são chefes de Estados. Hoje é incompreensível como a mulher pode governar um país, mas não pode estar à frente do governo de uma paróquia – como também de uma diocese e da Igreja universal. O discurso de igualdade de gênero não supera a postura sexista da ação e organização da Igreja. A questão é mais complexa do que a ordenação de mulher. Trata-se da afirmação do *status* eclesial pleno da mulher, com um reconhecimento da igual dignidade cristã em relação ao homem.

e) *Liberdade*: não obstante o fato de o Vaticano II afirmar o princípio da liberdade social, religiosa, de consciência, ainda hoje é preciso compreender como se estrutura a

3 Observe-se, porém, que a questão é debatida no interior da Igreja Católica, com vozes favoráveis à ordenação feminina, como a manifestação do Bispo estadunidense (Byerne) no Sínodo dos Bispos de 1971: “nenhum argumento pode ser aduzido para excluir a mulher do ministério eclesiástico” (*Apud*, KLOPPENBURG, 1973, p. 357). No Brasil, essa tendência foi mais explícita em L. BOFF, afirmando que “não há argumentos teológicos decisivos contra a ordenação da mulher, só disciplinares” (*Eclesiogênese*, 1977, p. 88). Na década de 80, realizou-se uma série de correspondências entre católicos e anglicanos acerca da questão (*Il Regno Documenti*, 15 [1986] 450-454). O tema é bem atual na teologia católica, de modo que “muitos católicos, e precisamente não apenas mulheres, mas também homens, não conseguem mais compartilhar o ponto de vista eclesial de não admitir mulheres ao sacramento da ordem” (KASPER, 2012, p. 379). A discussão acontece hoje também no Brasil (WOLFF; COLLET 2019, p. 193-195; WOLFF, 2017).

liberdade interna na Igreja. Ela tem dificuldades com o tema da liberdade e da democracia em seu próprio interior. A liberdade de pensamento sofreu dura repressão no pontificado de São João Paulo II, expressando uma “Igreja do silêncio, da censura, do medo” (BALLÉS, 1998, p. 18). Teólogos/as foram silenciados/as temporariamente ou perderam a cátedra definitivamente. Nas relações internas, o princípio da hierarquia deixa pouco espaço, se é que de fato o deixa, para o exercício da democracia. Estranha-se que o conceito democracia não seja considerado como o mais adequado para expressar as relações internas. Pronunciamentos oficiais declaram categoricamente que a Igreja não é uma democracia, como se o estímulo a uma “vida participativa” na comunhão eclesial fosse algo estranho ao que a sociedade chama por “vida democrática”. Espiritualiza-se a ideia de comunhão justificando a falta de equidade nas possibilidades de participação. A democracia, como participação entre iguais, vale para a sociedade, mas não para a Igreja, por entender teologicamente o centramento na hierarquia como algo que deve ser aceito porque é de *iure divine*. Com isso, a Igreja em muitos ambientes é identificada com o clero, numa explícita contradição sobre o que é comunhão no povo de Deus. O povo é Igreja de um modo marginal em relação aos ministros ordenados. Por isso soa como “natural” que o laicato e as mulheres não participem das instâncias de decisões.

São algumas das questões fronteiriças hoje, que exigem da Igreja uma postura plausível de acolhida pelas comunidades de fé e pela sociedade. O Papa Francisco tem presente tais questões, e é disposto a dialogar sobre elas. Reiteradas vezes ele tem dito que mesmo como Papa não tem o direito de julgar pessoas que optam por uma vida sexual em desacordo com as orientações da moral católica; estimula as pesquisas científicas que contribuem para o desenvolvimento integral das pessoas e dos povos. O Sínodo sobre a Sinodalidade amplia a compreensão de comunhão com uma efetiva presença e atuação do laicato, contando com mulheres. Mas não basta boa disposição. É preciso que aconteçam também mudanças disciplinares que tenham incidência numa nova organização da Igreja, em suas diversas instâncias, das estruturas curiais às comunidades paroquiais. Isso ainda não se verifica, e estamos distantes do tempo de vermos a Igreja dar passos concretos num caminho de comunhão e participação como o sínodo sobre sinodalidade propõe.

CONCLUSÃO

A Igreja precisa integrar a experiência do mundo na ideia que ela faz de si mesma. Ela precisa sentir-se povoada, inculturada, condicionada pelo seu lugar social e o tempo em que vive. Não se trata de confundir-se com os elementos socioculturais, mas de entender a historicidade constitutiva do ser e agir eclesial, mostrando que a fé cristã se relaciona com o mundo e as questões contemporâneas, e isso implica na configuração da Igreja. Trata-se de um engajamento nos contextos nos quais se colhe o dado revelado que a Igreja crê e prega. Em sua dimensão social, humana e institucional, a Igreja não é uma realidade abstrata, como se “viesse de fora” em tudo o que a configura historicamente. A Igreja se faz mundo para que nele possa ser mediadora do projeto do Reino; falar do Evangelho com plausibilidade de

entendimento e de acolhida; exercer a diaconia como testemunho do discipulado e do seguimento de Cristo. Assim, a Igreja é “sal da terra” e “luz” do mundo” (Mt 5, 13-14).

É nessa direção que entendemos como hoje o Papa Francisco estimula na Igreja da América Latina à encarnação, à práxis, à opção pelos pobres e ao diálogo. Com esses elementos a Igreja transmite a mensagem do Evangelho por formas que não são estranhas à experiência concreta das pessoas nas sociedades latino-americanas. Pois ela mesma é parte integrante da sociedade. A fé cristã é, então, assumida concretamente nesse continente na medida em que os fiéis integram em sua existência a experiência eclesial, espiritual, e a experiência do mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS

BALLÉS, Carlos González. *Querida Igreja*. São Paulo: Paulus, 1998.

BOFF, Leonardo. *Eclesiogênese. A reinvenção da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1977.

COLET, Raquel de Fátima. “Sinodalidade e diálogo: imperativos ecumênicos para o “caminhar juntos” a partir do sínodo 2021-2024”. *Caminhos de Diálogo*, n. 11, v. 18, 2023, p. 92-102

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL). *Panorama Social da América Latina e do Caribe 2022*. Disponível em <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/cepal-alerta-que-taxas-pobreza-america-latina-2022-se-mantem-acima-niveis-pre-pandemia>. Acesso em 20 jul. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, Decretos, Declarações*. 31ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1968.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual* (EG). São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal, Querida Amazônia. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. São Paulo: Paulinas, 2020

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si’. Sobre o cuidado da casa comum* (LS). São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social* (FT). São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. “Discurso no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares”, (Bolívia, 9/07/2015). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/Papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso em 27 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. “Discurso na Universidade Lateranense, Roma, pela ocasião da inauguração da mostra ‘Caligrafia para o Diálogo: Promover a cultura da paz através da cultura e da arte’, em memória do Cardeal Jean-Louis Tauran”, (Roma, 09/07/2019). Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/>

pt/speeches/2019/october/documents/Papa-francesco_20191031_mostra-calligrafia.html. Acesso em 27 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. “Saudação e homilia aos jovens na XVIII Jornada da Juventude”, (Rio de Janeiro, 27/07/2013). https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/Papa-francesco_20130725_gmg-giovani-rio.html. Acesso em 27 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. “Discurso no encontro com os representantes da sociedade civil”, (Assunção, Paraguay, 11/07/2015). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/Papa-francesco_20150711_paraguay-societa-civile.html. Acesso em 27 jul. 2023.

GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje. Hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.

JOÃO PAULO II. Carta apostólica, “Sobre a ordenação sacerdotal reservada somente aos homens”. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19940522_ordinatio-sacerdotalis.html. Acesso em 27 jul. 2023.

KASPER, Walter. *Chiesa Cattolica. Essenza, realtà, missione*. Brescia: Queriniana, 2012.

LIBANIO, João B. *Teologia da libertação. Roteiro didático para um estudo* (Loyola, São Paulo 1987)

KLOPPENBURG, Boaventura. “Conversações ecumênicas sobre o Ministério”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 33, n. 130, 1973, p. 324-363.

KUNG, Hans. *A Igreja tem salvação?* São Paulo: Paulus, 2013.

PAULO VI, *Summi Pontificis rescriptum ad litteras Suae Gratiae Rev.mi doctoris Friderici Donaldi Coggan, Archiepiscopi Cantuariensis, de sacerdotali mulierum ministerio*, de 30/11/75, in AAS 68 (1976) 599-600.

WOLFF, Elias; COLLET, Raquel de Fátima. “Fronteiras eclesiais no pontificado de Francisco”. *Cultura Teológica*, v. 27, n. 93, 2019, p. 184-208.

WOLFF, Elias. “Ordenação de mulheres no debate teológico no Brasil: questões para a Igreja “casa de todos/as”. *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, v. 5, 2017, p.186-203.

WOLFF, Elias; TREVISAN, Tiago. “O Ensino Religioso e a *Laudato si'*: perspectivas e possibilidades”. *Caminhos de Diálogo*, v. 9, n. 14, 2021, p. 99-109.